

ENTRE INGÊNUA E INSACIÁVEL: A MULHER NOS *FABLIAUX* ERÓTICOS MEDIEVAIS

Marta Pragana DANTAS¹

Resumo: Pequenos contos para fazer rir e em sua maioria obscenos, os *fabliaux* medievais floresceram na França entre o final do século XII e o início do século XIV, circulando entre um público bastante variado: nobres, cavaleiros, castelãos, burgueses e habitantes em geral das cidades. Nesses contos, a matéria erótica e licenciosa é tratada de forma bastante lúdica e bem-humorada, numa celebração dos apetites do corpo através da transgressão da linguagem. O recorte social feito nessas narrativas coincide com o universo burguês. Partindo dos textos de alguns *fabliaux*, este artigo discute duas representações mais frequentes da mulher: a ingênua e a insaciável.

Palavras-chave: literatura francesa medieval – *fabliaux* eróticos – mulher

Résumé : Contes à rire, les *fabliaux* médiévaux se sont répandus en France entre la fin du XII^e et le début du XIV^e siècles. Ils circulaient parmi un public assez varié : des nobles, des chevaliers, des châtelains, des bourgeois et des vilageois. Dans ces contes, la matière érotique et licencieuse est traitée d'une façon assez ludique et humoristique, dans une célébration des appétits du corps à travers la transgression du langage. L'aspect social présent dans ces réctis recoupe l'univers bourgeois. À partir du texte de quelques *fabliaux*, cet article discute deux représentations courantes de la femme : l'ingénue et l'insatiable.

Mots-clé : littérature française médiévale – *fabliaux* érotiques - femme

Il la couche sur le lit
et lui soulève la chemise ;
Il lui leve les jambes,
ne manque pas de trouver le con,
et y pousse rudement son vit.²
(Garin)³

A passagem acima, que pode ferir a suscetibilidade de alguns leitores tanto pela linguagem direta quanto pela crueza com a qual o tema é tratado, não pertence a nenhum texto libertino do século XVIII ou à pornografia do final do século XIX ou mesmo da nossa época. A cena foi extraída de uma narrativa breve, jocosamente intitulada *Aquela que foi fodida e desfodida por causa de uma Grua* (*Celle qui fut foutue et défoutue pour une Grue*), produzida em plena Idade Média por um poeta ou goliardo chamado Garin. E ele não foi um caso isolado. Como Garin, vários outros goliardos, tais como Jean Bodel, Gautier le Leu e Douin de

¹ Professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

² Ele a deita na cama / e lhe puxa a túnica; / E lhe levanta as pernas, / não deixa de encontrar a xoxota, / e nela enfia rudemente o seu pau. (Tradução nossa, assim como para as demais passagens, a partir da versão em francês moderno feita por Luciano Rossi, 1992).

³ Os *fabliaux* de que nos servimos foram extraídos da coletânea bilíngue (francês antigo e francês moderno) *Fabliaux érotiques*. Textes de jongleurs des XII^e et XIII^e siècles (ROSSI, 1992). Transcreveremos aqui apenas a versão em francês moderno.

Lavesne, produziram, entre o final do século XII e início do XIV na França, pequenos contos como este, em versos octossilábicos, divertidos ou edificantes, em sua grande maioria eróticos. De 150 temas recenseados por Per Nykrog, 106 versam sobre matéria erótica, 40 dos quais pondo em cena o adultério (citado por BLOCH, 1992, p. 535). Do ponto de vista da recepção, estes “contos em versos para rir” (Joseph Bédier) eram apreciados por um público bastante diversificado, composto de nobres, cavaleiros, castelãos, burgueses e habitantes em geral das cidades.

Mas a transcrição acima também pode chocar alguns desavisados para quem a Idade Média, devido ao controle da Igreja sobre as mais diversas esferas da vida social, é vista como uma época de contrição cuja expressão literária estaria circunscrita às vidas de santos, às cantigas de gesta e à lírica cortês de cunho idealista. Contudo, para se entender a produção literária erótica dos séculos XII a XIV, assim como as condições de sua produção, é preciso desfazer algumas ideias que, apesar de equivocadas, são amplamente difundidas e aceitas fora dos círculos dos historiadores. Ou seja, para poder abordar as condições de existência de uma literatura licenciosa e obscena nessa época, há que se desmanchar algumas ideias falsas a respeito da moral sexual medieval.

A principal delas é a ideia de que, do ponto de vista da sexualidade, a Idade Média teria sido uma época dominada por uma extrema rigidez moral – rigidez esta resultante da repressão da Igreja, que negaria, entre outras coisas, o direito ao prazer. Acrescenta-se ainda a ideia de que teria havido, a partir de então, uma evolução linear no sentido de uma maior liberdade sexual, culminando com a conquista do direito ao prazer no século XX. Como bem demonstra Jean-Claude Guillebaud, em sua premiada obra *A tirania do prazer* (1999), a Idade Média não foi tão rígida assim em termos de moral sexual. Segundo o autor, a Igreja promoveu, em muitos aspectos, um avanço dos costumes, se comparada a alguns hábitos pagãos dos povos bárbaros, sobretudo os francos e os germanos. No século XII, por exemplo, afirma o autor, a Igreja defendeu não apenas o direito ao prazer dentro do casamento, como também o direito da mulher ao orgasmo, contrariamente à prática pagã, por acreditarem os teólogos, baseados em Galeno (nascido por volta de 131 de nossa era), que a procriação estava vinculada ao gozo de ambas as partes. Ademais, ao incluir o casamento indissolúvel como um dos 7 sacramentos, agiu em defesa do individualismo, do consentimento mútuo, contra a imposição do casamento por arranjo. Ainda de acordo com Guillebaud, vários relatos mostram uma relativa indulgência, também a partir do século XII, em relação a alguns pecados, considerados “menores” – entre os quais a prostituição, a homossexualidade e a masturbação. Tais práticas eram consideradas pecados, sendo inclusive codificadas nos penitenciais, mas as punições previstas eram relativamente brandas e seu rigor nem sempre observado. O próprio fato de haver uma codificação dos pecados relativos às práticas sexuais mostra ou revela a existência de uma *erótica cristã defendida pela Igreja*. Na medida em que tais práticas eram previstas e enquadradas, elas eram reconhecidas oficialmente. Longe, é claro, de uma aprovação; mas longe também de serem consideradas tabu. Vários relatos mostram, por exemplo, que a homossexualidade não era objeto de perseguição pela Igreja, que fazia vista grossa a várias denúncias dessa prática, principalmente entre os padres.

Assim descrita por Guillebaud, essa erótica cristã medieval defendia uma sexualidade até certo ponto espontânea e sem complexos. Os sermões dos padres, os penitenciais, as cartas de alguns clérigos refletem tal aspecto na medida em que, perpassadas de um extremo pragmatismo, recorrem a um vocabulário um tanto direto, cru, entrando em detalhes com uma precisão anatômica tal que soa, aos ouvidos de hoje, cômica. Observemos alguns trechos de um penitencial do século XI, citado por Guillebaud:

120. Você fornicou, como o fazem os sodomitas, pondo a sua verga na parte traseira de um homem? Se você é casado e fez isto uma ou duas vezes: 10 anos de penitência nos dias santificados, um dos quais a pão e

água. Se você tem este hábito: 12 anos. Se é com um irmão de carne seu: 15 anos”

[...]

123. Você fornicou sozinho, isto é, tomando seu membro viril em sua mão e puxando-lhe o prepúcio e agitando-o a ponto de com este prazer espalhar seu sêmen? Caso sim: 10 dias.

[...]

166. Você bebeu o esperma de seu marido, esperando que ele a ame mais graças a estas suas maquinações diabólicas? Caso sim: 7 anos de penitência a pão e água, em dias fixos.

[...]

172. Você agiu tal como as mulheres: elas pegam um peixe vivo, o introduzem em seu sexo e aí o mantêm até que ele morra, e, depois de tê-lo cozido ou grelhado, o dão a seu marido para que ele assim aumente seu desejo por elas? Caso sim: 2 anos de jejum.

(Penitencial elaborado por Burchard, canonista alemão, bispo de Worms, séc. XI, *apud* GUILLEBAUD, 1999, p. 225).

Ainda segundo Guillebaud, outro fato relativamente desconhecido em relação à moral sexual da época diz respeito ao fato de, até o século XII, o casamento de padres ser bastante difundido, a igreja encontrando bastante resistência em fazer valer, após o Concílio de Latrão (1215), o celibato. Não é por acaso que vários *fabliaux* representam padres lúbricos e lascivos, prontos para enganar os maridos e “atender” às esposas insatisfeitas.

A ampla circulação dessa matéria erótica e licenciosa inscreve-se dentro de um contexto em que a Igreja passa a exaltar os benefícios da “mãe natureza”, favorecendo, em última instância, uma concepção mais física e mais espontânea da sexualidade e o direito ao prazer. A valorização da natureza emerge em contraposição a algumas heresias – a principal delas sendo a albigense – que eram contrárias à procriação. Segundo Guillebaud:

A relativa liberdade da Idade Média em matéria sexual vai se afirmar ainda mais, como dissemos, a partir do século 12. Esta evolução, que implica toda a teologia – e sobretudo Tomás de Aquino – é inseparável do que poderíamos chamar de a redescoberta, pela Igreja, e pelo cristianismo, da ideia de natureza. Vários fatores concorrem para tal evolução. A influência do Islã, que reintroduz o pensamento grego no Ocidente e contribui para inaugurar o amor cortês, não lhe é estranha. Mas conta igualmente – ou principalmente? – a vontade da Igreja de se opor à crescente influência das seitas que pregam a renúncia à procriação e o isolamento em relação ao mundo. (GUILLEBAUD, 1999, p. 234).

O texto que abre este artigo encontra-se, assim, em consonância com essa erótica defendida pela Igreja. Essa liberdade, dentro de certos limites, quanto à questão sexual coincide com o espírito bem humorado e lúdico dos *fabliaux* na celebração dos apetites do corpo e nas transgressões da linguagem, conforme veremos.

A mulher nos *fabliaux*

Essas narrativas breves e bem-humoradas cobrem um leque de temas bastante vasto, a maioria dos quais, como afirmamos, de cunho erótico. Entre estes, encontram-se: a donzela ingênua, o desejo insaciável das mulheres, os padres adúlteros e libidinosos, a natureza criadora (ROSSI, 1992). Focaremos a atenção, no âmbito deste estudo, para os dois primeiros, mais diretamente relacionados à representação da mulher.

A imagem da donzela ingênua está presente em narrativas como *A donzela que foi fodida e desfodida por causa de uma grua* (Garin), *O esquilo* (*L'écureuil*; anônimo), *A donzela que não podia ouvir falar de gala* (*La demoiselle qui ne pouvait entendre parler de foutre*; anônimo), etc. Na maioria dos casos, os dois personagens entram num jogo linguístico que, à maneira de uma preliminar, prefacia o ato sexual. Jogar com as palavras, criar eufemismos para designar as partes genitais, evitando assim a nomeação direta, cria uma atmosfera de erotismo e ao mesmo tempo de comicidade. Em *O esquilo*, um jovem convence a moça de que o seu pênis é um esquilo que procura nozes na sua vagina. Ela então o encoraja com entusiasmo a procurar bem fundo... Já *A donzela que não podia ouvir falar de gala* mostra um rapaz que engana uma moça suscetível à palavra “gala”, fingindo possuir a mesma ojeriza. Ganhando a confiança da jovem, ambos terminam na cama, apalpando o corpo um do outro e nomeando-lhes as partes por meio de eufemismos: prado, fonte, potro... Ao final, o potro vai pastar no prado, e sacia sua fome e sua sede. Conforme observa Rossi (1992, p. 89), a partir do momento em que os problemas linguísticos são resolvidos – evitando-se os interditos da linguagem por meio de matáforas – o ato sexual acontece naturalmente, com o consentimento dos dois.

A donzela que foi fodida e desfodida por causa de uma Grua mostra uma moça que era criada com excesso de zelo pelo pai, castelão, que a deixava confinada na torre próxima ao castelo, sob os cuidados da ama. Um dia, a ama precisando ir buscar um prato no castelo a fim de preparar a comida, a donzela põe-se à janela e vê passar um jovem mancebo que carrega uma bela e vistosa ave, uma grua. Atraída pelo pássaro, a moça se lamenta ao jovem, dizendo que, se pudesse, compraria a grua. Prontamente, o rapaz diz: “Senhorita, que ela seja sua por uma foda!” (“Dame, qu’elle soit à vous pour un foutre!”). Ao que a donzela retruca, dizendo que, infelizmente, não tem isso em casa, e convida o jovem a subir na torre para procurar com ela e ver se existe algum “foutre” nos seus aposentos.

« Jeune homme, dit-elle, monte ici
et cherche partout, en bas, en haut,
sous les bancs, sous les lits –
[tu cherchechas dans toutes les directions :
s’il y a un foutre, tu le verras ! »
Le jeune homme, qui était preux et courtois,
monte dans la tour sur-le-champ.
Il fait semblant de chercher partout.
« Dame, dit-il, je crains
qu’il ne soit sous votre pelisse ! »
Elle, qui était sotte et niaise,
lui dit : « Jeune homme, viens, et regarde ! »
Le jeune homme ne tarde pas davantage,
il embrasse la demoiselle,
qui n’avait pas l’air d’être malheureuse.

“Moço, diz ela, suba aqui
e procure em todo canto, em baixo e em cima,
sob os bancos, sob a cama –
[você procurará em toda parte
se houver uma gala, você a verá!”
O jovem foi cortês e valente:
na torre subiu imediatamente.
Finge procurar por toda parte.
“Dama, diz ele, receio
que ele esteja sob a sua peliça.”
Ela, que era boba e tola,
diz-lhe: “Moço, venha e olhe!”
O jovem sem demora
beija a donzela,
que não parecia estar infeliz.

O jovem se lança em sua “procura” com tanta empolgação, que a donzela sonsamente reclama:

« Jeune homme, tu cherches trop violemment »,
dit la demoiselle, qui soupire.
Le jeune homme commença à rire,
lui, qui s’était enflammé de la besogne.
« Il est juste, dit-il, que je vous donne
ma grue : qu’elle soit vôtre sans conteste !
- Tu as parlé sagement,

dit la demoiselle, maintenant va-t-en ! »
“Moço, você está procurando com muita violência!”
Diz a donzela, que suspira.
O jovem começou a rir,
ele, que estava tomado pelo trabalho.
“É justo, diz ele, que eu lhe dê

a minha grua: que ela seja icontestavelmente sua!
— Você falou sabiamente,

diz a donzela, agora vá embora!”

Ao final, a negociação é cumprida e a moça recebe a grua do rapaz, que retoma o seu caminho. De volta, a ama entra em pânico e desmaia ao saber do ocorrido devido a sua negligência, o que, contudo, não a impede de retornar ao castelo para buscar uma faca a fim de preparar a grua. Nesse ínterim, o rapaz passa novamente sob a janela da jovem, que, impressionada com o desespero (para ela incompreensível) de sua ama, pede para que o negócio seja desfeito:

Et la demoiselle tout de suite
lui dit : « Jeune homme, venez vite ici ;
ma nourrice s’est courroucée
parce que vous avez emporté mon foutre
et m’avez laissé votre grue.
S’il vous plaît, venez me le rendre.
Vous ne devez pas agir incorrectement envers moi :
venez et donnez-moi satisfaction !
- Demoiselle, je le veux bien ! »
dit le jeune homme. Alors il monte,
jette la demoiselle par terre,
lui entre entre les jambes,
et lui met son foutre dans le ventre.
Quand il eu terminé, il s’en alla aussitôt,
mais ne laissa pas la grue :
il l’emporta avec lui.

E a donzela sem rodeios
lhe diz: “Moço, venha rápido aqui;
minha ama está enfurecida
pois a minha gala você levou
e a sua grua me deixou.
Por favor, venha devolvê-la;
Você não deve agir mal para comigo!
Venha e me dê satisfação!
— Senhorita, eu quero sim!”
diz o jovem. Então ele sobe;
atira a donzela ao chão,
entre as pernas lhe entra,
e mete-lhe a sua gala no ventre.
Quando terminou, imediatamente partiu,
mas a grua também sumiu:
consigo a levou.

Humor e erotismo brotam do jogo linguístico que se estabelece a partir da ingenuidade da moça e da esperteza do rapaz: ambos usam a mesma palavra, que, no entanto, adquire sentidos diferentes para cada um. Se o jovem sabe exatamente o que designa um *foutre*, a moça ignora – ou finge ignorar, o que não deixa de ser uma possibilidade, tamanho o *nonsense* que se cria a partir desse dado. Essa brincadeira com a linguagem como que mimetiza as preliminares do ato sexual que virá logo em seguida. O texto também estabelece uma cumplicidade com o leitor, que extrai o efeito cômico do contraste entre as idas e vindas entre os dois registros de leitura: o da esperteza do rapaz e o da ignorância da donzela. Desfazer esta duplicidade semântica retiraria todo o sentido cômico da narrativa. Como bem aponta Bloch (1992), o jogo de entra-e-sai, de dentro-e-fora que se estabelece na narrativa é bastante sugestivo, mimetizando e acentuando o erotismo. Senão, vejamos:

- a donzela vive confinada *dentro* da torre
- a ama *sai* e ela põe-se à janela, para *fora*
- o jovem, que passa *fora*, depois *entra*
- ele vai encontrar o “foutre” *dentro* da donzela, mas antes procura-o *fora*
- ele *sai* e a ama *entra*
- o jogo se repete: o jovem retorna, *entra* na torre e na jovem, e *enfia/penetra* (“embat”) seu sêmen *dentro* dela
- depois ele *sai*, e a criada *entra*

Cabe indagar sobre o significado da ave no conto. As gruas são tidas como modelo de disciplina coletiva na hora de seus voos migratórios, sendo ainda conhecidas pelo senso de vigilância e de ajuda mútua, além de possuírem uma dança nupcial bastante elaborada. Tais elementos no conto são bastante sugestivos, principalmente quando associados à descrição da grua, no texto original, como sendo “moult granz et parcreüe” (muito grande e crescida). Podemos, assim, estabelecer as seguintes relações de significado a respeito da ave na narrativa:

A grua é conhecida

- como ave migratória =>
- por sua dança nupcial elaborada =>
- pela disciplina, vigilância ≠
- por seu grande porte =>

A grua no *fabliaux*

- celebração da natureza
- amor
- desordem, ~~guarda~~
- “grande e crescida”: pulsões sexuais

O conjunto dos traços distintivos da grua são confirmados no texto, à exceção do aspecto semântico ligado à vigilância e à disciplina. Neste sentido, acontece justamente o oposto: a grua instaura a desordem na narrativa devido exatamente à falta de vigilância ou negligência da ama. Convém ainda chamar a atenção sobre o apetite desmedido da ama, que não avalia os riscos de se ausentar duas vezes da torre para ir buscar utensílios no castelo a fim de satisfazer a sua gula. Sintomaticamente, ao acordar do desmaio, a primeira coisa que lhe ocorre é preparar a ave segundo os caprichos de seu apetite: não ao “molho de alho”, como era comum à época, mas com pimenta – escolha, aliás, bastante sugestiva... Afinal, pensa ela:

« J'ai souvent entendu
cet avis en plusieurs lieux :
le dommage qui bout sur le feu
vaut mieux que celui qui ne procure aucun plaisir ! »

“Escutei muitas vezes
esta opinião em vários lugares:
o mal que ferve no fogo
vale mais que aquele que nenhum prazer procura!”

A celebração desmesurada dos apetites do corpo, sejam eles sexuais ou gastronômicos, é uma tônica nos *fabliaux*, que apresentam com frequência personagens dotados de uma grande gula ou movidos pelo desejo sexual, confirmando a influência do culto da natureza já evocado. Este aspecto encontra-se presente de forma exemplar em *O sonho dos paus (Le songe des vits)*, de Jean Bodel. O conto narra a história de uma mulher que, “insatisfeita” com o marido, que era comerciante e se ausentava de casa por longos períodos e, ao regressar cansado, dormia sem lhe dar a merecida atenção, sonha com uma feira livre onde se vendiam... paus e colhões.

On ne vendait que couilles et vits.
Mais de ceux-ci il y avait à foison :
les magasins en étaient pleins
et les chambres et les greniers :
et tous les jours, de tous les côtés,
venaient des porteurs chargés de vits,
et il en arrivait par charrettes et par charrois.
Bien qu'on en apportât beaucoup,
ils n'étaient pas pour rien,
car chacun vendait cher le sien.
Pour trente sous on en avait un bon,
Et pour vingt sous un beau, bien tourné.
Et il y avait même des vits pour pauvres gens :
il y en avait un chétif en plaisir amoureux,
pour dix sous, et pour neuf, et pour huit.
On vendait au détail ou en gros ;
les meilleurs étaient les plus gros,
les plus chers et les mieux gardés.

Só se vendiam colhões e cacetes.
Mas destes havia em abundância:
as lojas eram lotadas
e os quartos e os sótãos:
e todos os dias, de todos os lados,
vinham os carregadores carregados de cacetes,
que chegavam por charretes e por carros.
Ainda que se trouxessem muitos,
eles não sobravam,
pois cada um vendia caro o seu.
Por trinta soldos vendia-se um bom,
E por vinte soldos um bonito, bem torneado.
E havia até cacetes para os pobres:
havia um raquítico em prazer amoroso,
por dez soldos, e por nove e por oito.
Vendia-se a grosso e a varejo;
os melhores eram os maiores,
os mais caros e os mais bem guardados.

O erotismo associado ao humor advém do próprio uso recorrente do léxico licencioso, numa clara manifestação do excesso, do exagero, do prazer desregrado e sem limites. O prazer, aqui, resulta

mais da linguagem transgressora do que propriamente de alguma cena de cunho erótico. Não é outro o efeito obtido a partir da designação direta e detalhada dos órgãos genitais na passagem acima, bem como, em outros *fabliaux*, de determinadas partes do corpo, ou seja, da utilização de palavras obscenas para nomear, sem rodeios, aquilo que indizível no convívio social. Se na narrativa anterior sobressaía-se a imagem da donzela ingênua, neste *fabliaux* a mulher é representada como sendo dotada de um apetite sexual desmesurado, contrastando com o marido, comerciante que só tem olhos e mente para os negócios.

Por outro lado, os sonhos e a imaginação são fontes de erotismo e humor nessas narrativas, conforme salienta Bloch (1992, p. 539-540). Em *O sonho dos paus*, o elemento onírico desencadeia o erotismo tanto pelo conteúdo quanto pelos seus desdobramentos: no entusiasmo do sonho, ao tentar apertar a mão do feirante para concluir a compra de um falo “grande e grosso”, a mulher bate na bochecha do marido que está dormindo ao seu lado e o desperta. Ao tomar conhecimento do sonho da companheira, ele finalmente se dispõe a satisfazê-la, não sem antes perguntar quanto valeria naquela feira o pau que ela estava segurando nas mãos naquele momento...

Narrativas como estas não faziam parte da cultura oficial. Pelo contrário, contrapunham-se a ela e aos ensinamentos da Igreja, muitas vezes fazendo-lhes referências jocosas. Essa oposição aparece principalmente em relação a outras formas de bastante prestígio na época, a lírica e o romance cortês. Se na literatura cortês a dama é inacessível e silenciosa – ou pelo menos, até alcançá-la, o poeta precisa passar por uma série de provações –, nos *fabliaux* a mulher é disponível, seja por sua ingenuidade ou ignorância, seja porque dotada de um insaciável apetite sexual, como nos textos acima citados ou em “O sonho da donzela” (anônimo), entre tantos outros. Referindo-se às narrativas de Garin, Luciano Rossi (1992, p. 14) afirma que este tipo de procedimento característico dos *fabliaux* diz respeito a uma “inversão paródica dos modelos cortesões”. Tanto um quanto outro expressam, por vias diferentes, a “obsessão pelo erotismo” (BLOCH, 1992, p. 535) presente na literatura medieval desse período.

Esse erotismo presente em grande parte dos *fabliaux*, que associa a mulher a uma sexualidade voraz e insaciável, muitas vezes adúltera, revela a visão misógina predominante na Idade Média, sob a influência da tradição dos primeiros Padres da Igreja.

Généralement, les fabliaux montrent des femmes dont la libido dépasse celle des hommes, un déséquilibre qui s’inscrit dans la tradition misogyne médiévale inaugurée par les premiers Pères de l’Église, et qui conçoit la femme comme source de tentation. (BLOCH, 1992, p. 536)⁴

Nessa representação misógina, duas imagens aparentemente opostas prevalecem: como virgem santa, inacessível na lírica cortês, e como traiçoeira, libidinosa e extremamente hábil com a linguagem, presente nos *fabliaux* bem como em outras narrativas. Estas duas representações, contudo, nada têm de opostas, como mostra o mesmo Bloch (1995) em seu percuciente estudo *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Pelo contrário, elas fazem parte de uma mesma visão antifeminista da mulher:

O que estou sugerindo, mais uma vez, é que a condenação e a idealização simultâneas da mulher e do amor não são manifestações contrastantes do mesmo fenômeno, lados opostos da mesma moeda. Elas absolutamente não são opostas. Ao contrário, o antifeminismo e a cortesia encontram-se numa relação dialética que [...] adquire uma necessidade lógica segundo a qual a mulher é colocada na posição sobredeterminada e polarizada de ser nem uma nem outra coisa, mas ambas ao mesmo tempo, ficando deste modo aprisionada num emaranhado ideológico cujo efeito último é a sua abstração da história. (BLOCH, 1995, p. 199).

Esta exclusão ou apagamento da história a que se refere Bloch está relacionada com o medo das mulheres mencionado por Duby (2001) ao comentar o *De amore*, de André le Chapelain. Este tratado

⁴ “Geralmente os *fabliaux* mostram mulheres cuja libido ultrapassa a dos homens, um desequilíbrio que se inscreve na tradição misógina medieval inaugurada pelos primeiros Padres da Igreja, e que concebe a mulher como fonte de tentação.”

didático do amor cortês, escrito no final do século XII e dedicado a Gautier, jovem aprendiz recém-ingresso na “cavalaria dos amantes”, contém três livros: “o primeiro expõe o que é o amor e como alcançá-lo; o segundo, como vivê-lo; no livro III, ensina os meios de libertar-se dele.” (DUBY, 2001, p. 141). É evidente o contraste existente entre, de um lado, os dois primeiros livros, que ensinam a arte do amor cortês, e, de outro, o terceiro livro, tomado por uma visão antifeminista, nas palavras de Bloch. O conjunto reflete dialeticamente os dois lados da mesma questão, estruturando-se, segundo Duby, numa lógica ascendente: do baixo carnal para o espiritual. Pois o objetivo é atingir, com a maturidade e o controle do desejo e das pulsões, a pureza, ou melhor, a salvação da alma, aproximando-se, do amor por Deus. Fonte de tentação, com seus ardis e truques para seduzir, as mulheres são um empecilho que cumpre afastar e aniquilar. São um poderoso inimigo:

Repelir o poder das mulheres para os espaços do jogo onde nada conta, a não ser o respeito pelas boas maneiras, como comportar-se, sentar-se, tornear suas frases, é estrangulá-lo, sufocá-lo, atenuar no espírito dos homens o medo das mulheres. [...] Dessa maneira ainda, o jogo de amor contribui para a paz social.” (DUBY, 2001, p. 159).

Conclusão

Para além do erotismo, os *fabliaux* constituem verdadeiros registros dos hábitos cotidianos dos habitantes da cidade e do campo, sobre os quais os documentos oficiais que chegaram aos nossos dias, voltados para as classes dominantes, calam. Com eles, acompanhamos o dia-a-dia dos burgueses, comerciantes, camponeses, padres e cavaleiros: o que tinham à mesa, o modo de preparar a comida, as tarefas domésticas, a intimidade do casal, o trabalho no campo e na cidade, modo de vida do comerciante, os novos ofícios, os tipos de comércio, as feiras, etc.

A sexualidade livre e desinibida tal como representada nos *fabliaux* medievais constitui um marco na literatura erótica, deixando um importante legado para a literatura europeia dos séculos posteriores. Encontramos marcas desse erotismo associado ao humor em autores como Boccaccio e Chaucer, ainda no século XIV, e mais adiante em Rabelais, Molière, Diderot, para citar somente alguns. É esse mesmo humor *nonsense* que se encontra presente, por exemplo, em *Pantagruel*, na passagem sobre a muralha de xoxotas imaginada por Panurge como meio de proteger Paris de invasões.

Referências

BLOCH, Howard. Introduction. In: ROSSI, Luciano. *Fabliaux érotiques*. Textes des jongleurs des XII^e et XIII^e siècles. Paris : Le Livre de Poche, Coleção Lettres Gothiques, 1992.

BLOCH, Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Tradução de Claudia Moraes. São Paulo: Editora 34, 1995.

DUBY, Georges. *Eva e os padres*. Damas do século XII. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. *A tirania do prazer*. Tradução de Marie Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ROSSI, Luciano. *Fabliaux érotiques*. Textes des jongleurs des XII^e et XIII^e siècles. Paris : Le Livre de Poche, Coleção Lettres Gothiques, 1992.

RECEBIDO EM 30-04-2013
APROVADO EM 11-05-2013